

SIMON SCARROW

O SANGUE DE ROMA

TRADUÇÃO DE JOSÉ SARAIVA



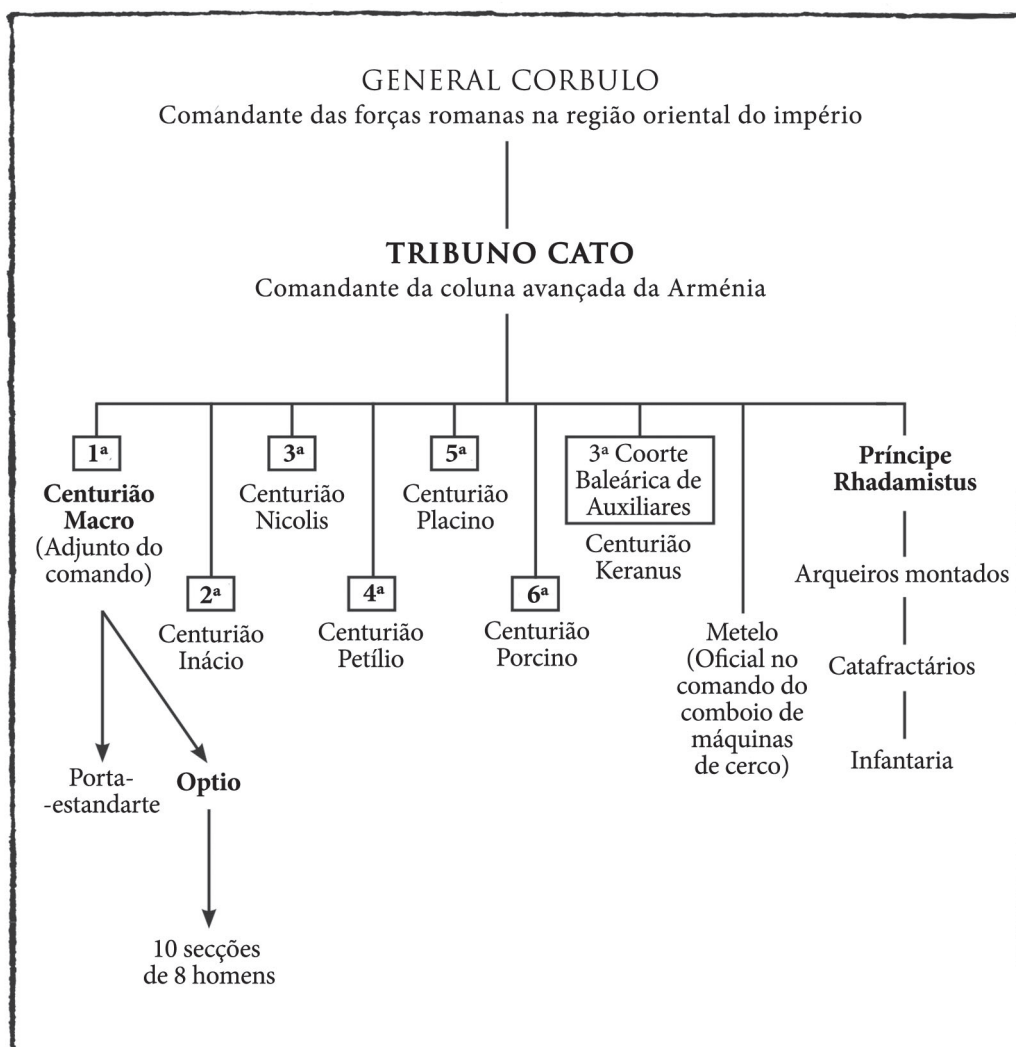
SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Para os sargentos-mor Coates e Hillary,
e para todos os Macros dos tempos modernos.

A FRONTEIRA ENTRE
ROMA E PÁRTIA
NO SÉCULO I d.C.



CADEIA DE COMANDO DA GUARDA PRETORIANA



LISTA DE PERSONAGENS

Quinto Licínio Cato: Tribuno, comandante da Segunda Coorte da Guarda Pretoriana

Lúcio Cornélio Macro: Um duro veterano, e o centurião mais antigo da Segunda Coorte da Guarda Pretoriana

General Gneu Domício Corbulo: Recém-nomeado comandante dos exércitos no Leste do Império

Umídio Quadrato: Governador da Síria

Gaio Amato Pinto: Questor, integrado no séquito do governador

Guarda Pretoriana

Inácio, Nicolis, Metelo, Petílio, Placino, Porcino: Centuriões

Marcelo, Gânico, Tércio: Optios

Centurião Espíraco Keranus: Promovido por Cato ao comando dos fundibulários baleáricos

Rutílio: Porta-estandarte

Auxiliar Gaio Glábio: Um fundibulário da Coorte Baleárica

Tito Boreno: Um legionário

Pártia

Rei Vologases: Rei da Pártia

General Sporaces: General parto

Abdagases: Tesoureiro real

Príncipe Vardanes: Filho mais velho e favorito do rei Vologases, herdeiro do trono da Pártia

Mithraxes: Embaixador arménio na corte parto

Arménia

Rhadamistus: Príncipe ibério, e recém-deposto rei da Arménia

Rei Tiridates: Irmão do rei Vologases da Pártia, recentemente colocado por ele no trono da Arménia

Arghalis: Camareiro na corte de Tiridates

Narses: Membro do séquito de Rhadamistus, nomeado intérprete e oficial de ligação entre os ibérios e os romanos

Zenobia: Esposa de Rhadamistus

Bernisha: Serva no séquito de Rhadamistus, de quem Cato se apiedou

Ibéria

Rei Pharasmanes: Rei da Ibéria, pai de Rhadamistus

Outros

Lúcio: Filho de Cato, um miúdo levado da breca...

Petronella: Ama de Lúcio, e uma mulher que nunca deve ser esquecida

Yusef: Ourives, e senhorio de Cato

Granículo: Intendente da guarnição romana em Bactris

1

*Ctesiphon, capital do Império Parto,
março de 55 d.C.*

O sol poente iluminava uma vasta extensão do rio Tigre, fazendo-o refulgir como ouro derretido, em contraste com o tom alaranjado, mas pálido, do céu. O ar estava calmo e frio, e as últimas nuvens da tempestade que deixara a cidade ensopada tinham seguido para sul, ficando na escuridão crescente um ténue odor ferroso. Os servos do palácio real atarefavam-se nos seus deveres, a preparar o pavilhão ribeirinho para a reunião que o rei teria nessa mesma noite com o seu conselho, com o fito de discutir a mais recente ameaça romana à Pártia. Incitavam-nos ao trabalho os impacientes berros e agressões do camareiro; este era um homem alto mas extremamente magro, com cabelo grisalho antes de tempo devido à permanente ansiedade que o dominava, por ter de satisfazer os mais pequenos caprichos do irascível governante de um império que se estendia das margens do Indo à fronteira da província romana da Síria. O rei Vologases era um homem decidido a reavivar a grandeza da Pártia, e não estava disposto a condescender com o que quer que se interpusesse entre ele e o seu destino, por pequena que fosse a intromissão. Nem nobres com pensamentos de rebelião, nem servos desajeitados ou ineficientes. O anterior camareiro tinha cometido uma falha: não conseguira garantir que a comida servida num banquete estivesse suficientemente quente ao chegar à mesa real. E por isso tinha sido açoitado até ficar meio-morto, antes de ser atirado para a rua. O seu sucessor estava decidido a não lhe seguir os passos, e portanto soltava imprecações e dava frequentes incentivos dolorosos ao seu pessoal, enquanto este dispunha poltronas, empilhava lenha junto aos braseiros e pendurava espessas tapeçarias em três das paredes do pavilhão. O lado restante ia ficar aberto, para que o rei e os seus convidados pudessem desfrutar da vista do rio enquanto o Sol desaparecia por trás do horizonte e as estrelas surgiam e reluziam nas escuras águas do Tigre.

Quando, por fim, as últimas almofadas de seda foram cuidadosamente dispostas, os servos retiraram-se para um dos lados e ficaram a aguardar, enquanto o camareiro escrutinava o trabalho e se debruçava para proceder a alguns

ajustamentos de pormenor, até ficar certo de que não havia nada que pudesse ser alvo de reparos do seu senhor. Não que fosse o caso de Vologases ser dado a inspeções cuidadas de todos os detalhes do luxo em que estava acostumado a viver. Ainda assim, considerou o camareiro para si mesmo, era melhor verificar tudo escrupulosamente do que correr o mais ínfimo risco de despertar a fúria do rei. Depois de concluir a sua inspeção, bateu as palmas de forma audível.

— Toca a mexer, cães! Tragam a fruta e o vinho.

Enquanto os servos se apressavam a obedecer, ele virou-se para o seu assistente.

— E tu, vai dizer ao chefe da cozinha que tenha a comida pronta para ser servida no instante preciso em que eu disser.

O interpelado, um homem mais jovem e corpulento, que evidentemente almejava substituí-lo, anuiu e afastou-se de pronto. O camareiro deitou mais uma olhadela para verificar o trabalho da sua equipa, e foi colocar-se em frente ao estrado onde ficaria o rei; franziu os olhos enquanto inspecionava com toda a minúcia a grande poltrona, as almofadas e a colcha. Debruçou-se para alisar um vinco no tecido e depois recuou ligeiramente e cruzou os braços, satisfeito. De forma pouco usual, deixou escapar um leve sorriso, antes de olhar em redor, cauteloso. Mas estava completamente sozinho. Um raro momento na sua vida, sempre ocupada com as milhentas tarefas que cabiam a quem detinha o seu posto. O interlúdio ia ser breve, já que daí a pouco os servos regressariam com a fruta e o vinho, e também chegaria o provador real, que experimentaria cada prato e bebida que lhe fossem apresentados pelo camareiro, para assegurar que o rei Vologases podia comer e beber com toda a segurança. Por muito vasto e duradouro que fosse o império da Pártia, os seus governantes mostravam menor longevidade, e tombavam com alguma regularidade, vítimas de conspirações de nobres poderosos ou das ambições de outros membros da família real.

O camareiro respirou fundo enquanto sorria perante a poltrona real, e sentiu um impulso quase irresistível de se lançar sobre os almofadões de seda, naquele momento em que ninguém o observava. Seria coisa de um instante e nunca ninguém teria conhecimento do gesto. O coração acelerou-se-lhe perante a possibilidade de cometer um tão extraordinário ato de quebra de protocolo e, durante o tempo de algumas inspirações, vacilou, prestes a ceder à tentação. Mas por fim conteve-se e cobriu a boca com a mão, horrorizado perante a ideia do que lhe sucederia se o rei alguma vez descobrisse o que ele estivera a ponto de fazer. Apesar de estar completamente só, o medo do seu senhor dominava-lhe o coração, e ele estremeceu perante a loucura passageira que se tinha apoderado de si. Soltou um gemido ansioso e apressou-se a ir colocar-se ao

cimo dos degraus vindos dos jardins que ladeavam o caminho que, por sua vez, levava aos edifícios do palácio. O primeiro dos servos estava a regressar, carregado com uma bandeja de prata cheia de figos, tâmaras e outros frutos finos.

— Corre, cão preguiçoso! — exclamou, irritado, e o homem lançou-se numa corrida tímida, enquanto tentava não desfazer o arranjo das frutas na travessa.

O camareiro deitou um derradeiro olhar ao cenário e ofereceu uma breve prece a Mitra, para que o seu senhor nada encontrasse entre os diversos arranjos que lhe pudesse desagradar.

Quando o rei e o seu pequeno séquito saíram do palácio, o Sol já se tinha escondido por trás do horizonte, e uma faixa de céu de tom brônzeo estendia-se sobre a paisagem sombria do outro lado do rio. Mais acima, o bronze dava lugar ao violeta e ao veludo negro da noite, no qual as primeiras estrelas luziam como pingos de prata. À frente da comitiva vinha um grupo de guardas pessoais, armados de lanças, envergando calças largas e ricamente decoradas, metidas para dentro das curtas botas de couro. Couraças de placas articuladas e capacetes cónicos rebrilhavam à luz das tochas e braseiros que ardiavam dos dois lados do caminho. Mas a sua aparência impressionante via-se reduzida à que o mais vil dos metais possuía ao pé do mais puro ouro quando contrastada com a magnificência do seu senhor. Vologases era um homem alto e bem constituído, com testa larga e queixo quadrado, aspeto que era reforçado pelo cuidado corte da sua barba negra. Os olhos eram igualmente escuros, como ébano polido, o que dava ao seu olhar uma formidável intensidade. Contudo, na sua expressão parecia haver também lugar para o humor. Os lábios encurvavam-se nos cantos, pelo que, quando falava na sua voz profunda e quente, parecia sorrir. E de facto era capaz de mostrar doçura e inteligência, as quais acompanhavam a sabedoria e a ambição, e tanto soldados como o povo em geral tinham por ele afeição e lealdade. Mas os que o conheciam melhor temiam as alterações de humor mercuriais de que era capaz, pelo que sorriam quando ele sorria e mantinham-se hirtos e em silêncio temeroso sempre que ele se enfurecia.

Naquela noite, a disposição do rei era sombria. Tinham chegado à capital parta notícias de que o Imperador Cláudio morrera, assassinado, e que lhe tinha sucedido o seu filho adotivo, Nero. A questão que apoquentava Vologases era a forma como a mudança de governante iria afetar a difícil relação entre a Pártia e Roma, que tinha azedado em anos recentes. O motivo era, como sempre, o destino da Arménia, o infeliz reino fronteiriço, preso entre as ambições de Roma e da Pártia. Cerca de quatro anos antes, um pretendente

ao trono arménio, o príncipe Rhadamistus, do vizinho reino da Ibéria, tinha invadido a Arménia, eliminado o rei e a sua família, e instalara-se como novo governante. Rhadamistus tinha-se revelado tão cruel como ambicioso, e os arménios haviam apelado a Vologases para que os salvasse do tirano. E, assim, ele tinha conduzido o seu exército contra Rhadamistus, que fugiu da capital; ao recuar, Vologases deixara o seu irmão Tiridates no trono. Era uma provocação, como bem sabia Vologases, uma vez que Roma considerava a Arménia como parte da sua esfera de influência, havia já mais de cem anos. Os romanos dificilmente encarariam a intervenção da Pártia de forma favorável.

O camareiro, que tinha estado à espera à entrada, dobrou-se pela cintura quando o grupo subiu os degraus para entrar no pavilhão. Os guardas tomaram as suas posições no exterior, à exceção dos dois homens de físico mais poderoso, que se colocaram dos lados do estrado do rei. Vologases sentou-se na poltrona e instalou-se confortavelmente, antes de lançar um sinal aos membros do seu alto conselho.

— Sentem-se.

Num ambiente formal, os convidados teriam permanecido de pé perante o seu senhor, mas Vologases tinha deliberadamente escolhido o pavilhão e relaxado o protocolo da corte para encorajar os seus súbditos a falar com franqueza. Quando todos estavam instalados nas suas poltronas, o rei debruçou-se para a frente, recolheu um figo de uma travessa e mordiscou-o, dando assim permissão para que os outros comessem o que lhes apetecesse.

Vologases lançou o fruto meio roído de volta à bandeja e olhou em redor para os convidados: Sporaces, o seu melhor general; Abdagases, o tesoureiro real; e o príncipe Vardanes, o seu filho mais velho e herdeiro do trono parto. O grupo ficava completo com o embaixador enviado por Tiridates: um jovem, mais ou menos da mesma idade que o príncipe, de nome Mithraxés.

— Não temos muito tempo a perder, meus amigos — anunciou Vologases. — Perdoar-me-ão, portanto, por dispensar qualquer conversa de circunstância. Todos vocês sabem das notícias que nos chegam de Roma. Temos de nos confrontar com um novo Imperador. Nero.

— Nero? — Sporaces abanou a cabeça. — Não posso afirmar que seja capaz de reconhecer tal nome, *sire*.

— Isso pouco me surpreende. Ele foi adotado há poucos anos. Era filho da última esposa do Imperador Cláudio, de um casamento anterior.

— A mesma esposa que, por acaso, era sobrinha do Cláudio — juntou Vardanes em tom seco. Deu um estalo com a língua e franziu uma sobrancelha.

— Estes romanos, há? Verdadeiramente decadentes. Nunca se furtam ao escândalo.

Os outros sorriram perante o comentário.

— O que sabemos deste Nero? — prosseguiu Sporaces. O general era um veterano que pouco tempo dispensava a leviandades, característica que se coadunava bem com as suas feições magras, quase cadavéricas. A maior parte dos frequentadores da corte real tinha os seus modos bruscos em fraca conta, mas Vologases conhecia bem o seu valor enquanto soldado, e apreciava os seus talentos. Além disso, sendo filho de um mercenário grego e de uma prostituta de Seleucia, Sporaces era desprezado pelos altivos nobres da Pártia, e portanto não constituía qualquer ameaça a Vologases.

O rei acenou a Abdagases, que geria a rede de espões que a Pártia usava para recolher informações sobre os eventos no interior do Império Romano.

— Tu leste o relatório. Diz-lhes.

— Sim, *sire*. — Abdagases limpou a garganta. — Em primeiro lugar, ele é jovem. Tem apenas dezasseis anos de idade. Pouco mais do que um miúdo.

— Talvez assim seja. — Sporaces inclinou ligeiramente a cabeça. — Mas Augusto tinha apenas dezoito anos quando avançou para destruir os seus opositores e transformar-se no primeiro Imperador de Roma.

— O Nero não é nenhum Augusto — contrapôs o tesoureiro, em tom firme. — Pode ser que venha a transformar-se num, embora essa possibilidade seja bastante remota, de acordo com os nossos agentes em Roma. O novo Imperador julga-se uma espécie de artista. Um músico. Um poeta... Rodeia-se de atores, músicos e filósofos. Tem a ambição de fazer de Roma uma espécie de farol para gente dessa espécie, em vez de focar a mente em assuntos de natureza marcial.

— Um artista? Um músico? — Sporaces abanou a cabeça. — Que raio de imperador é esse?

— Um que não nos provocará grandes problemas, espero eu — comentou Vologases. — Esperemos que o jovem Nero continue a concentrar esforços na sua arte e não se deixe distrair pelos acontecimentos na Arménia.

Abdagases concordou.

— Sim, *sire*. Podemos esperá-lo, mas será talvez mais prudente não nos deixarmos guiar pela mera esperança. Nero poderá ser um diletante, mas seria perigoso concluir assim tão depressa que não é preciso dar-lhe atenção. Está rodeado de conselheiros, muitos dos quais possuem a inteligência e a experiência necessárias para nos provocar problemas. Sobretudo porque todos eles padecem da doença romana.

— Doença romana? — Vardanes arregalou um olho, pegou num figo e aplicou-lhe uma boa dentada, as mandíbulas a trabalhar sem pressa antes que ele tentasse continuar, ainda de boca cheia. — Que... doença... é essa?

— É um termo que alguns de nós aqui na corte usamos para caracterizar certos romanos, obcecados com a conquista de glória e com o seu inflexível sentido de honra. Nenhum nobre romano, seja qual for o seu estatuto, alguma vez deixa passar a oportunidade de engrandecer o nome da sua família. Seja qual for o custo a pagar. Foi essa a razão que levou Crasso a tentar invadir a Pártia e a sofrer um enorme revés. E Marco António depois dele. Uma pena que eles pareçam medir-se apenas pela capacidade de ultrapassar os feitos dos seus antecessores, e que sejam levados a tentar obter êxito onde outros falharam. — Abdagases fez uma curta pausa. — Dá a sensação de que os falhanços de Crasso e António servem apenas para inspirar os romanos a considerarem a Pártia como um desafio a ser conquistado. Homens razoáveis podiam bem aproveitar as lições dos falhanços, mas a honra aristocrática romana impõe-se à razão, uma vez e outra. Augusto era suficientemente astuto para perceber que podia ganhar mais com a diplomacia do que com ações militares nas suas relações com a Pártia, e os seus herdeiros têm-lhe seguido o exemplo, pela maior parte. Mesmo que isso significasse deixar frustrados os senadores que os incitam a entrar em guerra connosco. A questão é, será este novo Imperador capaz de resistir aos argumentos dos seus conselheiros e do Senado?

— Espero muito sinceramente que sim — respondeu Vologases. — A Pártia não se pode dar ao luxo de uma guerra com Roma quando se vê a braços com inimigos que ameaçam causar-nos problemas noutras frentes.

Vardanes suspirou.

— Falas dos hircanianos, pai?

Vardanes era o filho favorito do rei. Tinha coragem, inteligência e carisma, qualidades muito úteis a um herdeiro. Mas tinha também ambição, e esse era um atributo que tanto merecia ser temido, como admirado. Sobretudo na Pártia. As feições do rei tornaram-se mais sombrias.

— Sim, os hircanianos. Ao que parece, desagrada-lhes o aumento de tributo que lhes pedi.

Vardanes sorriu.

— O que não é surpreendente. E pouco nos ajuda num momento em que provocámos os nossos súbditos helénicos, ao forçá-los a pôr de lado a sua língua e as suas tradições para assumir as nossas, apesar de ser o grego a língua comum em todo o mundo oriental. E depois há os problemas que se desenham com Roma por causa da Arménia. — Beberricou um pouco de vinho. — Temo

bem que estejamos a exagerar. Sobretudo no que diz respeito à Arménia. Roma e Pártia parecem dois cães a lutar por causa de um osso.

O tesoureiro tossicou de forma polida ao interromper.

— Sua Alteza simplifica o assunto em demasia. O osso, por acaso, é nosso, e esses romanos não têm qualquer direito de o tentarem abocanhar. A maior parte dos nobres da Arménia é do nosso sangue. A Arménia foi leal ao império parto durante séculos, antes de Roma lançar a sua vista para leste.

— Penso que todos podemos concordar que Roma não tem qualquer direito sobre a Arménia. Ainda assim, Roma reclama a Arménia e, se chegar a haver guerra, Roma tomá-la-á. Tenho aprendido muito sobre o poderio das legiões romanas. Não conseguiremos prevalecer contra elas.

— Não numa batalha campal, meu príncipe. Mas se conseguirmos evitar um confronto frontal, as nossas forças podem castigá-los, enfraquecê-los e, quando chegar o momento certo, desfazê-los. Tal e qual os cães de caça matam os ursos na montanha. Não é assim, general? — Abdagases virou-se para Sporaces, em busca de apoio.

O general refletiu um momento antes de responder.

— A Pártia já derrotou os romanos, no passado. Sempre que eles se aventuraram pelas nossas terras sem conhecimento suficiente do terreno, ou sem abastecimentos adequados para se manterem. Avançam lentamente, mesmo quando não trazem um trem de cerco. Ao passo que as nossas forças percorrem o território de forma muito mais veloz, sobretudo os nossos arqueiros montados e catafractários. Podemos permitir-nos trocar terrenos por tempo, de forma a deixá-los esgotar tanto abastecimentos, como poder de choque. Mas isso só é verdade se a guerra for travada por entre os rios e desertos da Mesopotâmia. A Arménia é um caso diferente. O terreno montanhoso favorece a infantaria romana e não a nossa cavalaria. Temo bem que o príncipe Vardanes tenha razão. Se Roma quiser tomar a Arménia, terá sucesso.

— Ora bem! — Vardanes deu um estalo com os dedos. — Como vos disse.

— Todavia — prosseguiu Sporaces —, para tomar a Arménia, Roma ver-se-á forçada a concentrar as suas forças. Os seus soldados são os melhores do mundo, é verdade. Mas não podem estar em dois lugares ao mesmo tempo. Se marcharem sobre a Arménia, deixarão a Síria exposta. Não à conquista — não possuímos as forças necessárias para isso. A Pártia nunca será suficientemente forte para destruir Roma, e Roma nunca terá homens que cheguem para conquistar e ocupar a Pártia. E é assim que tem sido, e sempre será, meu príncipe. Um conflito que nenhum dos lados pode vencer. Portanto, a única resposta é a paz.

— Paz! — desdenhou Vologases. — Já tentámos estabelecer a paz com Roma. Honrámos todos os tratados que fizemos, e só conseguimos vê-los quebrados, uma vez e outra, pelos malditos romanos.

A testa de Vologases franziu-se em frustração, enquanto ele ponderava os factos.

— E é por essa razão que temos de ficar certos de que fazemos as escolhas mais corretas quanto à situação na Arménia.

Virou-se para o embaixador enviado pelo irmão.

— Mithrax, ainda não te pronunciaste. Não tens uma opinião acerca do novo Imperador em Roma e as suas intenções no que concerne à Arménia?

Mithrax encolheu os ombros, sem se comprometer.

— Pouco importa qual é a minha opinião, Majestade. Sou um nobre arménio, descendente de uma longa linhagem de nobres, e nenhum deles alguma vez viu a nossa terra livre das influências de Roma ou da Pártia. Os nossos reis têm o deplorável costume de serem depositos ou assassinados. O vosso irmão está no trono apenas há cerca de dois anos. Não é pior do que outros que já governaram a Arménia e...

— Aconselho-te a escolheres com muito cuidado as palavras com que te referes ao meu irmão — avisou Vologases.

— Majestade. Fui enviado para descrever a situação na Arménia e pedir a vossa ajuda. Creio que a melhor forma de o fazer é falar honestamente.

O rei perscrutou-o e reparou que o arménio não mostrava qualquer receio ao ser assim avaliado.

— Coragem, além de integridade? E todos os nobres arménios são como tu?

— Infelizmente, Majestade, não é esse o caso. E é esse o problema que aflige o vosso irmão. Como dizia, ele não é pior do que outros governantes, e melhor do que muitos. Porém, tem-se visto obrigado a governar com mão firme, de forma a estabelecer a sua autoridade sobre o domínio.

— Até que ponto vai essa firmeza?

— Alguns nobres preferem Roma, Majestade. Alguns estão pouco agradados com a imposição de um rei estrangeiro. O rei Tiridates determinou que seriam necessárias algumas lições, de forma a desencorajar essas deslealdades. Lamentavelmente, tornou-se necessário banir uns quantos e executar outros. Tais ações tiveram como efeito o calar da maior parte do descontentamento.

— Imagino-o bem. — Vologases sorriu. — Mas atrevo-me a considerar que pode bem ter levado outros a sentirem-se ainda mais descontentes.

— Tendes toda a razão, Vossa Alteza. Contudo, o rei Tiridates mantém-se

no trono em Artaxata. Para já, os seus inimigos estão controlados. Embora esteja certo de que dentro em pouco pedirão ajuda para destronar o rei. Se é que não o fizeram já. — Mithraxês olhou para Vologases. — Portanto, o vosso irmão solicita que lhe enviéis um exército que lhe permita assegurar o controlo da Arménia. Homens suficientes para derrotar quaisquer nobres que conspirarem contra ele, e que possam dissuadir Roma de qualquer ideia de invadir as suas terras.

— Um exército? Não me pede mais nada? — zombou o rei da Pártia. — E pensará por acaso o meu irmão que posso fazer surgir exércitos do nada? Preciso de todos os meus soldados aqui na Pártia para enfrentar as ameaças que surgem.

— Majestade, ele não pede um grande exército. Apenas uma força suficiente para desencorajar qualquer tentativa de o derrubar.

— Os rebeldes arménios são uma coisa, os romanos outra, muito diferente. Duvido que eles se sentissem desencorajados, fosse qual fosse a força que eu pudesse enviar para a Arménia.

Mithraxês abanou a cabeça.

— Não estou assim tão certo, Majestade. Os nossos espões na Síria dizem-nos que as legiões romanas estão mal preparadas para a guerra. Têm falta de efetivos e mau equipamento. Já passaram muitos anos desde que estiveram em ação. Duvido que constituam uma grande ameaça para o rei Tiridates.

Vologases virou-se para o seu general.

— Isto é verdade?

Sporaces refletiu brevemente antes de responder.

— Corresponde às nossas próprias informações, Majestade. Mas se os romanos decidirem intervir, trarão mais legiões para a Síria, e não deixarão de incorporar novos recrutas nas legiões existentes. Claro que será necessário treiná-los. Terão também de acumular abastecimentos, reparar estradas, constituir comboios com engenhos de cerco. Precisam de tempo para preparar uma campanha. Talvez alguns anos. Mas, uma vez decididos a agir, nada os poderá parar. É essa a forma romana de fazer as coisas. — Fez uma breve pausa, para que os outros pesassem as suas palavras, e prosseguiu. — O meu conselho seria o de não provocar ainda mais o nosso inimigo. Roma já se sente afrontada ao ver Tiridates colocado no trono. Ainda não parece ter-se decidido pela guerra. Se enviarmos tropas para auxiliar o vosso irmão, isso poderá fazer com que os romanos se decidam pela ação. Além disso, ainda não sabemos do que é realmente feito este novo Imperador, o Nero. Poderá ser influenciável por qualquer grupo de interesse. Portanto, sugiro que não providenciemos à facção romana

que quer a guerra qualquer oportunidade para o persuadir a combater. Ao invés, proponho que o lisonjeemos com palavras calorosas de amizade e que lhe ofereçamos congratulações por ter ascendido ao trono. Se ele questionar as nossas ações na Arménia, dir-lhe-emos que nos vimos forçados a remover um tirano, e que não temos qualquer interesse em quaisquer outros territórios fronteiriços. — Dobrou o pescoço, para concluir. — Majestade, é este o meu humilde conselho.

Vologases recostou-se nos almofadões e cruzou as mãos, enquanto pesava tudo o que tinha escutado das bocas dos seus conselheiros. Era verdade que, para lá de um certo ponto, o orgulho romano não suportaria mais provocações e exigiria uma resposta militar. Mas, de qualquer maneira, ele também não podia arriscar-se a enviar homens para apoiar o irmão enquanto enfrentava uma potencial revolta na Hircânia; esse é que era o caso.

— Ao que parece, vejo-me forçado a aguardar a forma como as coisas se vão passar. A opção sobre o caminho futuro está do lado do Imperador Nero. Será ele a decidir se vamos ter paz. Ou se vamos enveredar pela guerra.

2

*Tarso, capital da província romana oriental da Cilícia,
dois meses depois*

— **É** a guerra — anunciou o centurião Macro, enquanto entrava nos aposentos do comandante, tirava a capa e a lançava sobre uma arca junto à porta. Regressava da inspeção matinal das tropas que protegiam a casa do mercador de sedas onde estava instalado o general Corbulo.

— Guerra? — Cato levantou o olhar do chão, onde estava sentado com o filho, Lúcio. O miúdo estava a brincar com uns soldados em miniatura, esculpidos em madeira por alguns dos homens que eram comandados pelo tribuno Cato, que lhe tinham sido dados como prenda. A Segunda Coorte Pretoriana fora enviada de Roma para servir como corpo de guarda pessoal ao general Corbulo e ao seu estado-maior. Cato ainda estava a habituar-se a ser tratado de novo pela sua patente oficial de tribuno, uma vez que homens e oficiais se lhe tinham dirigido antes como prefeito, a patente que lhe granjeara tão grande reputação em anos recentes. Mas o general Corbulo era inflexível quanto ao protocolo, pelo que tinha voltado a ser o tribuno Cato. Durante a longa viagem desde Brundisium, os homens tinham começado a ver Lúcio como uma espécie de mascote, e aproveitavam qualquer oportunidade para o mimarem. Cato remexeu suavemente o fino e escuro cabelo do filho e levantou-se. — Onde é que ouviu essa novidade?

— Uma proclamação imperial. Um mensageiro chegado de Roma estava a lê-la no fórum ainda agora. Ao que parece, o miúdo Nero resolveu pegar no touro pelos cornos, mostrar aos partos o que é bom e retomar a Arménia. — Macro encheu as bochechas de ar. — Portanto, é a guerra.

Os dois homens ficaram em silêncio por momentos, a contemplar todas as implicações da notícia. Não era grande surpresa, já que a decisão de enviar o general para assumir o comando dos exércitos no Oriente do Império já tinha sido tomada havia meses. Ainda assim, considerou Cato, no passado Roma tinha muitas vezes conseguido os seus intentos graças a uma mera ameaça do uso da força, tal era o respeito em que o Império era tido pela maior parte dos reinos que tinham a má fortuna de defrontar as legiões no campo de batalha.

Talvez o Imperador e os seus conselheiros tivessem tido a esperança de que o envio de um oficial com o renome de Corbulo fosse suficiente para convencer a Pártia a abandonar as suas ambições de voltar a integrar a Arménia no seu império. Mas, ao que parecia, o lance de Nero fora desmascarado. Ou isso, ou o Imperador tinha sido persuadido de que apenas uma guerra poderia satisfazer a necessidade de dar uma base firme ao seu reinado. Não havia nada de que o povo romano mais gostasse do que de notícias de mais uma guerra empreendida com sucesso.

— Bom, uma coisa é certa — comentou Macro. — Não estaremos prontos a marchar para a Pártia tão cedo. Pelo menos enquanto o general não tiver reunido os homens e abastecimentos necessários. Pode levar ainda uns meses.

— Era capaz de dizer um ano, pelo menos — retorquiu Cato. — E esse será tempo que os partos não desperdiçarão. Hão de estar preparados e prontos para nos enfrentar muito antes de o Corbulo atravessar a fronteira.

Macro encolheu os ombros.

— Eles que se preparem com tudo o que quiserem. Não vai fazer grande diferença. Sabes muito bem como são estes orientais, miúdo. Uma cambada de finórios a passearem-se nas suas sedas esvoaçantes. Já os enfrentámos antes e aplicámos-lhes uma boa sova.

— É verdade — admitiu Cato. — Mas da próxima vez as coisas podem correr ao contrário. Não se esqueça de que o Crasso perdeu quase cinco legiões em Carras. Roma não se pode permitir outro desastre dessa magnitude.

— O Corbulo não é nenhum Crasso. O general tem passado a maior parte da sua carreira a combater no Reno, e não se arranjam facilmente inimigos mais coriáceos do que aqueles sacanas da Germânia. Se os partos têm algum bom senso, vão aceitar termos em menos tempo do que leva a dizê-lo. — Macro atravessou a sala e espreitou para o compartimento anexo. As persianas estavam cerradas e o interior escurecido, mas facilmente distinguiu a mulher deitada de lado no leito no interior do quarto. — Ah, meu amor, já me perguntava onde te tinhas metido.

Ela remexeu-se e deixou escapar um grunhido antes de puxar os cobertores para cima dos ombros, aconchegando-se melhor.

— Deixe a pobre mulher dormir. — Cato puxou-o da entrada. — A Petronella passou a maior parte da noite acordada com o miúdo. Têm-lhe doído os dentes.

— Nesse caso, como é que ele está aqui bem acordado e ela a dormir? — Macro piscou-lhe o olho. — Parece-me que há qualquer coisa errada com a minha mulher, Cato. O que ela é, é preguiçosa, não pode haver dúvidas.

— Vem cá dizer-me isso na cara — resmungou a ama de Lúcio. — Se é que queres ficar com as orelhas a arder.

Macro soltou uma gargalhada.

— Esta é que é a minha miúda! Sempre pronta para uma boa discussão.

Virou-se e fechou cuidadosamente a porta, antes de se dirigir à mesa, onde ainda se viam os restos de uma refeição matinal: pão, queijo, mel e um jarro do vinho com especiarias que era uma das bebidas preferidas dos locais. Macro pegou no jarro, abanou-o para o testar, e sorriu contente quando ouviu o líquido a remexer-se no interior. Encheu uma caneca para si, antes de se deter e olhar para o amigo.

— Queres?

— E por que não? Não há muito mais para fazer por aqui a não ser embebedarmo-nos, até que o Quadrato cá chegue.

Macro abanou a cabeça.

— Ora aí está uma conversa que não vai correr bem.

Cato anuiu. Umídio Quadrato era o governador da Síria, um dos postos mais prestigiosos para qualquer senador. Pelo menos até à chegada de Corbulo à região, com a autoridade imperial para recorrer a todos os recursos, civis e militares, das províncias que bordejavam a Pártia. O general tinha enviado uma mensagem à frente, a convocar Quadrato para um encontro em Tarso, para combinarem tudo o que era necessário para a campanha que se aproximava. Era fácil a Cato imaginar a reação do governador quando Corbulo requisitasse a maior parte dos seus soldados, equipamento e abastecimentos. Além disso, também haveria o pormenor de dar ordens aos funcionários provinciais para que fossem criados novos impostos para pagar as reparações das estradas da região, bem como fornecer animais de tiro e carroças para as bagagens, e montadas para as unidades de cavalaria. Quadrato ia ver-se soterrado com protestos dos furiosos magistrados das cidades, a proclamar que não havia forma de aceitar tais imposições. Claro que essas queixas não teriam qualquer resultado. Era dever das províncias do Império providenciar fundos sempre que o exército se preparava para uma campanha na sua região, e não havia forma de contornar essa obrigação. A não ser, claro, que os envolvidos estivessem dispostos a enfrentar a ira do Imperador quando chegassem a Roma notícias sobre a sua parcimónia.

— Sim, o Quadrato vai ficar tudo menos contente — concordou Cato. — Mas há uma cadeia de comando, e ele não tem voto na matéria. Além disso, o Corbulo não é do género de aceitar um não como resposta.

Trocaram um sorriso divertido. Ao longo da viagem desde Roma, tinham

tido ocasião de ficar a conhecer o general, e de o reconhecer como um indivíduo muito particular. Corbulo era um soldado de carreira; um aristocrata que apreciava a vida militar e que tinha o talento necessário para a seguir. Portanto, depois de servir o tempo habitual como tribuno, permanecera nas legiões, em vez de regressar a Roma para se envolver de forma decidida no mundo da política. Uma das poucas virtudes da carreira habitual da aristocracia romana, considerou Cato, era o facto de permitir que aqueles que possuíam apenas um limitado potencial para a vida militar fossem afastados, enquanto, ao mesmo tempo, abria caminho para que os que brilhavam nesse percurso nele permanecessem. Corbulo era um daqueles generais que agradavam aos soldados. Era frequente que partilhasse com eles as rações e as dificuldades. Quando dormiam ao relento, também ele o fazia. Em combate, depois de posicionar os soldados e distribuir as ordens, conduzia-os da frente de combate. Puxava pelos seus homens, mas puxava ainda mais por si mesmo. E, assim, ganhara o respeito dos soldados, e até uma medida de afeição rezingona. Tudo isso tinham Macro e Cato sabido através do punhado de oficiais do estado-maior que Corbulo selecionara para o acompanharem desde a fronteira do Reno. Os dois amigos tinham servido sob as ordens de fracos comandantes em número suficiente para se regozijarem com a sua nova colocação.

Havia outras razões para ficarem gratos por se afastarem de Roma. Um novo Imperador significava mudanças, e todos os que tinham gozado dos favores de Cláudio enfrentavam agora um futuro incerto. Haveria nomeações de novas caras para posições de poder, e havia contas a ajustar. Como havia sempre no fervente caldeirão da política em Roma. Era praticamente inevitável que homens poderosos fossem acusados de crimes cometidos no regime anterior e haveria julgamentos; alguns senadores ver-se-iam exilados, outros seriam eliminados sem alarde, e as suas propriedades divididas entre os informantes e o tesouro imperial. A inocência era um pormenor irrelevante quando denunciadores e advogados sentiam o cheiro a sangue e, ainda mais importante, a dinheiro.

Cato não tinha qualquer desejo de se ver envolvido em histórias desse género. Sobretudo depois de ter sido recompensado com as propriedades do seu sogro, que tinha sido imprudente ao ponto de se enredar numa conspiração para depor Nero, nos primeiros dias do seu reinado. Os amigos do senador Semprônio que tinham sobrevivido não se davam a qualquer trabalho para esconder o que sentiam acerca da origem da recente riqueza de Cato, e ele sabia bem que a sua fortuna lhe tinha valido fazer inimigos que não hesitariam em arrastá-lo para o fundo assim que sentissem ter chegado o momento para

avançar. Por isso, ficara muito feliz por se juntar ao séquito do general quando este partira para a fronteira oriental. Além disso, tinha decidido levar consigo o filho e a ama deste, em vez de os deixar em Roma à mercê das oscilações da fortuna, uma decisão que fizera as delícias do centurião Macro, que se tinha envolvido numa relação amorosa com Petronella, uma mulher que era capaz de o acompanhar na bebida e de desferir um murro que faria a inveja de qualquer duro veterano das legiões.

E, assim, ali estavam os quatro, em quartos alugados na casa de um ourives judeu, numa rua perto do fórum de Tarso. Já ali estavam havia um mês, sem sinal de Quadrato, e, por muito agradável que fosse Tarso, a cidade depressa se tinha cansado da novidade de ter um general romano e uma coorte de pretorianos dentro dos seus limites. E mais ainda do mau comportamento dos soldados de folga, e das suas bebedeiras. Se as coisas corressem como era normal, Cato estaria a protestar por causa daquela inação forçada. Mas aquele atraso tinha significado tempo para estar com o filho, e ele apreciava-o sobremaneira. De igual modo, Macro estava feliz pela oportunidade de gozar os amplos prazeres de Petronella.

Macro encheu-lhes os copos e sentaram-se em bancos que ladeavam a mesa, a contemplar o pequeno mas bem arranjado pátio da casa do ourives. Ao centro, uma fonte jorrava para um pequeno lago, em volta do qual estavam dispostas poltronas, à sombra de treliças. Fazia lembrar a Cato o jardim da sua casa em Roma, e ele perguntou-se quando voltaria a vê-lo.

— Guerra com a Pártia, então — começou Macro. — De quanto tempo é que achas que vamos precisar para dar uma lição ao Vologases?

— Depende de Corbulo. Se fizer as coisas como deve ser, tratará de garantir que pomos o nosso homem no trono da Arménia, e pronto. Mas se lhe der um súbito apetite pela glória, quem sabe? Podemos bem acabar por seguir as pisadas de Crasso. E isso não seria nada bom. Seja como for, quase de certeza que vamos ter de combater. O Nero não ficará satisfeito se não houver uma grande vitória para celebrar em Roma.

Macro anuiu, e depois indicou Lúcio. O miúdo estava sentado, as finas pernas abertas, um soldado de madeira em cada mão, a murmurar numa voz baixa mas excitada enquanto os fazia embater um contra o outro e simulava um combate.

— E quanto a eles? O Lúcio e a Petronella? O que é que lhes vai suceder quando a campanha começar?

— Podem ficar aqui. Tratarei de garantir que Yusef, o nosso anfitrião, receba um bom pagamento adiantado, de forma a mantê-lo satisfeito. É um

tipo decente. Tenho a certeza de que cuidará deles depois de nós partirmos, e mantê-los-á em segurança até regressarmos. Se regressarmos. — Cato estava satisfeito por ter depositado o seu testamento num advogado em Roma, antes de partirem. Pelo menos o futuro de Lúcio estava assegurado, mesmo que o seu não estivesse.

— Se? Tch! — Macro abanou a cabeça. — Contigo, o jarro está sempre meio vazio... Por falar nisso. — Voltou a encher as taças. — Vai correr bem. Assim que aplicarmos um corretivo naqueles partos, eles só vão querer devolver-nos a Arménia e desaparecer outra vez para o deserto, ou seja lá de onde for que saíram.

Cato adotou uma expressão preocupada.

— É precisamente essa falta de informação e conhecimento que me preocupa, e que devia preocupar o general.

Macro deitou-lhe um olhar pouco amigável e Cato abanou a cabeça.

— Estou a falar da visão do comando militar, não da sua.

— Seja.

— Não sabemos quase nada sobre o terreno na outra margem do Eufrates — prosseguiu Cato. — Onde ficam os vaus? Aliás, mais ainda, onde ficam os rios? E os caminhos pela montanha, as fortificações, as cidades, vilas e por aí fora? Não fazemos ideia dos números das tropas inimigas, das suas intenções ou da disposição das suas forças. Vamos precisar de guias para conduzir o nosso exército pelas rotas mais seguras, mas como raio vamos saber se podemos confiar neles? Foi a traição dos seus guias que levou Crasso ao desastre. — Cato bebeu um trago e refletiu mais uns momentos. — Antes de deixarmos Roma, fui à biblioteca imperial, para ver que género de informações descobria sobre a Pártia e a Arménia.

— Ah, sim. Livros. Os livros resolvem qualquer problema — contrapôs Macro, em tom de gozo. — De certeza que algures no meio de um deles estará a resposta.

— Goze o que quiser, mas encontrei de facto alguma informação útil. Não muita, é verdade. Havia um itinerário que provinha da campanha de António. Não foi uma leitura muito satisfatória. Não fazia ideia da escala da Pártia até começar a ver as distâncias entre as cidades e povoações que ele encontrou. E o homem que fez os desenhos deixou uma nota a dizer que as nossas legiões mal tinham penetrado até um terço da região, segundo as suas fontes. Além disso, também registou grandes extensões de deserto e muitos dias entre as oportunidades de dar de beber aos homens e montadas, bem como de os alimentar. E depois havia o inimigo. Raramente arriscava uma batalha campal, mas não

parava de flagelar as nossas colunas e dizimar as nossas patrulhas e grupos de retardatários.

— Nesse caso, oremos aos deuses para que o Corbulo não se deixe levar para o interior da Pártia... e que dê toda a atenção à Arménia e se contente em cumprir as ordens do Imperador.

Cato bebeu mais um pouco e contemplou a taça, agitando levemente o conteúdo.

— Não seria o primeiro general romano tentado pela possibilidade de se cobrir de glória no Leste.

— E tenho a certeza de que não será o último. Mas não há grande coisa que possamos fazer a esse respeito, miúdo. Não passo de um centurião, e tu és o tribuno que comanda a sua guarda pessoal. Estamos aqui para seguir as ordens do general, e não para lhe dar conselhos extraídos de pergaminhos poeirentos escondidos lá em Roma. Duvido que o Corbulo gostasse dessa ideia.

— Pois, é verdade. Sem dúvida... Aconteça o que acontecer, suspeito que esta nossa colocação está para durar.

— Isso não me chateia nada. — Macro esvaziou o copo e limpou os lábios nas costas da mão peluda. — Esta parte do mundo é quente e confortável, pela maior parte. O vinho é barato, e as mulheres mais baratas ainda. — Deitou uma espreitadela à porta que dava para o quarto. — Hã... Isto não quer dizer que ande à procura disso, hoje em dia.

Cato sorriu.

— Centurião Macro, o que é que lhe aconteceu? A Petronella transformou-o num novo homem. Mal o reconheço.

— Com todo o respeito, senhor: olha, vai-te foder. — Macro recostou-se e cruzou os grossos braços. — Sou o mesmo soldado que sempre fui. Nada mudou quanto a isso. Um pouco de cinzento nas têmporas, umas tantas dores e queixas. Mas ainda me aguento pelo menos mais uma campanha, a final. Se ela durar tanto como temes.

— Final? — Cato franziu o olhar. Sabia que Macro servia nas legiões havia já mais de vinte e seis anos. Era elegível para ser desmobilizado e receber o bónus que acompanhava a saída das legiões. Se assim o desejasse. Mas Macro tinha adiado o pedido e declarado que ainda não chegara esse momento. Pelo menos enquanto sentisse que ainda podia desfrutar de mais uns anos de vida militar produtiva. E Cato estava contente por isso. Tinha uma quase supersticiosa necessidade de ter Macro ao seu lado quando marchava para a guerra, e temia o dia em que o amigo finalmente deixasse o serviço militar e se retirasse para algum recanto tranquilo, enquanto

Cato prosseguia a sua carreira sozinho. Obrigou-se a redirecionar os seus pensamentos.

— Gostava de descobrir o que pensa a Petronella sobre isso. Se esta campanha se arrastar, ela não ficará feliz por se ver separada de si.

Macro encolheu os ombros.

— É o que se tem de aceitar quando nos ligamos a um soldado.

— Isso revela uma grande consideração da sua parte, devo dizer.

— É assim que são as coisas. Ela sabe-o e aceita-o.

— Nesse caso, é mesmo uma bela mulher.

— Ah, sim, isso é, realmente. — Macro despejou o resto do vinho nas taças. — E quando por fim eu deixar o exército, ficarei bem orgulhoso de a ter como esposa.

Cato sorriu abertamente.

— Perguntava-me se já o teria pensado.

— Já conversámos sobre isso. Não me posso casar enquanto estiver ao serviço. Mas o mínimo que posso fazer é garantir que ela tenha o suficiente para sobreviver se alguma coisa me acontecer. Escrevi um testamento. Só preciso de uma testemunha; se não se importa, senhor?

— Importar-me? Será um prazer. — Cato ergueu a taça. — A uma longa e feliz vida em conjunto. Sujeita às exigências do serviço militar, evidentemente.

Macro fingiu uma careta de desgosto.

— Bela piadinha, sim, senhor!

Mas então ergueu a taça e bateu na de Cato.

— E uma longa e feliz vida para ti também. Com o Lúcio, claro.

Viraram-se para o petiz e perceberam que ele tinha deslizado para a frente, a cabeça a descansar sobre os braços cruzados, os olhos fechados e a respiração profunda e ritmada.

— A dormir em serviço? — Macro sugou o ar. — Qual é a pena para isso? Nada de cavalitas no pátio, nem jantarada com o tio Macro esta noite.

Cato abanou a cabeça.

— Macro, nunca lhe disseram que é um sacana sem coração?

— Nah, a mim, nunca. Sou doce como um cordeiro. É só perguntar aos rapazes da minha centúria.

Riram em coro e esvaziaram as taças. O vinho, o calor da tarde, a companhia do seu velho amigo e a sesta tranquila do filho combinavam-se para dar a Cato uma sensação de imenso bem-estar, e ele lançou uma prece para que o governador Quadrato levasse ainda mais uns dias a apresentar-se ao general.

Nessa altura escutou o som de botas ao fundo do corredor e, pouco depois, ouviu alguém a bater à porta de forma decidida.

Cato limpou a garganta.

— Entre!

A porta abriu-se com um leve ranger das dobradiças e um pretoriano entrou e saudou os dois oficiais.

— Peço desculpa, tribuno, mas o general quer vê-lo no quartel-general.

— O que há? — indagou Macro.

— A trirreme do governador Quadrato foi avistada, senhor. Deve entrar no porto daqui a poucas horas. O general convocou a coorte para formar uma guarda de honra.

— Merda. — Macro suspirou. Pôs-se de pé e contemplou a criança que ainda dormia profundamente. — Tal como eu disse. Não há jantarada hoje, de todo...

— Senhor, a coorte está formada e pronta para a inspeção. Macro franziu os olhos devido à claridade do Sol da tarde, enquanto trocava uma saudação formal com Cato; ao mesmo tempo, este acabava de apertar o fecho do capacete e ajustava-o de forma a lhe assentar perfeitamente na cabeça.

— Muito bem, centurião. Há alguma ausência?

Macro consultou a sua tábua encerada e passou o olhar pelas listas das centúrias, uma a uma — a sua, e as que eram comandadas por Inácio, Nicolis, Petílio, Placino e Porcino —, antes de dar uma resposta:

— Três homens dispensados por razões médicas. Oito de serviço ao quartel-general. Outros dois de guarda à arca do dinheiro. Seis ausentes sem permissão, vistos pela última vez numa das tabernas por trás do fórum. Mandei o optio Marcelo procurá-los e aplicar-lhes um bom sermão. Vão ficar sem salário e com o exclusivo das faxinas durante o próximo mês, se assim concordar, senhor.

— Muito bem — anuiu Cato. — Vamos lá avançar com isto antes que o navio do governador atraque.

Olharam os dois para o porto e avistaram a trirreme a passar pela torre de vigia, os remos a subirem, a avançarem e a mergulharem, à medida que a nave de guerra vogava pelas calmas águas do rio Cydnus. A praça que abria para o cais tinha sido limpa de civis, e a coorte estava disposta ao longo de três das faces do espaço, de frente para o rio, duas centúrias de cada lado, em formações com quatro homens de profundidade, todos eles em sentido. De momento os escudos estavam apoiados no solo, e os cabos das lanças firmes nas mãos direitas dos soldados. As armaduras articuladas, polidas, rebrilhavam por cima das túnicas de tom branco sujo. Na parte de trás da praça, à frente do templo do divino Augusto, estava instalada uma plataforma elevada, e nela aguardavam o general Corbulo e os oficiais do seu estado-maior, à frente do estandarte da coorte, empunhado por Rutílio, um veterano corpulento a quem a honra tinha

sido concedida. A cerimónia de boas-vindas ao governador da Síria podia ser impressionante, pensou Cato, mas por muito frequentes que fossem as limpezas que os homens faziam ao equipamento, este nunca estaria perfeito aos olhos de águia de Macro.

Os dois oficiais dirigiram-se para junto da Primeira Centúria, a unidade que era comandada pelo próprio Macro, e Cato começou a andar mais devagar, fazendo pausas frequentes para verificar o atavio dos guardas.

— Esta alça está solta...

Macro anotou o nome do homem e a sua falta com uns golpes hábeis do estilete na superfície encerada da sua tábua de centurião.

— A bainha da espada deste homem está suja... e há ferrugem à vista na guarda do rosto.

E assim prosseguiram ao longo das filas da coorte, com cada centurião a tirar as suas notas à vez, até que o comandante deu por terminada a inspeção. Cato virou-se para Macro e respirou bem fundo, de forma a poder ser ouvido em toda a praça.

— Em conclusão, centurião, uma bela apresentação. Estes homens dariam brilho a uma presença do próprio Imperador. Bom trabalho. Continuem assim!

— Sim, senhor.

Cato baixou o tom de voz para que só Macro o ouvisse.

— Bom, o espetáculo vai começar. Volte para junto dos seus homens. Vou estar ao pé do general para as saudações formais.

Trocaram nova continência e Macro virou-se e marchou através da praça para se colocar junto à Primeira Centúria, enquanto Cato subia os degraus para a plataforma em frente ao templo e se aproximava de Corbulo.

— Senhor, a coorte está pronta.

O general passou rapidamente os olhos pelas fileiras bem aprumadas dos pretorianos e assentiu.

— Bem vejo. Um belo conjunto de homens que ali tens, tribuno Cato.

— Sim, senhor. Obrigado, senhor.

— E pelo que ouvi, portaram-se bem na Hispânia, sob o teu comando. Sem falar daqueles lamentáveis acontecimentos em Roma, mais recentemente.

Cato não respondeu. Era verdade que os seus homens tinham sido instrumentais na supressão da conspiração contra Nero, que planeara substituí-lo pelo seu irmão adotivo e mais novo, Britânico. Isso tinha levado a uma batalha em plenas ruas da capital, bem como a um assalto à ilha de Capri, onde os conspiradores se tinham entrincheirado, num último desafio. Depois da captura e envenenamento de Britânico, houvera um esforço concertado para esquecer o

incidente, o que significava que a coorte não tinha recebido quaisquer honras pela sua participação nos combates, e nenhum oficial recebera qualquer recompensa pelas suas ações.

Corbulo deu-lhe uma palmada leve no ombro.

— Tem calma, Cato. Estamos bem longe de Roma e dos seus políticos, informadores e conspiradores. Aqui, somos apenas soldados. Faz o teu dever e não te preocupes com mais nada, sim?

— Sim, senhor.

— Ora bem. Vamos lá descobrir o que tem o governador Quadrato a dizer para se justificar.

Os oficiais na plataforma olharam para a face aberta da praça e para lá do cais, para onde a trirreme rodava graciosamente para apresentar o costado, enquanto os remadores recolhiam apressadamente os remos. Os marinheiros estavam a postos no convés com cabos que lançaram para os homens que aguardavam no cais. Estes apressaram-se a passá-los em torno dos postes de amarração e puxaram o navio até que o casco embateu suavemente contra as defensas de cortiça; por fim, prenderam firmemente os cabos com os nós adequados.

Foi imediatamente lançada uma passadeira, e um grupo de fuzileiros apressou-se a correr para terra e a colocar-se em sentido, frente a frente, de forma a estabelecer uma guarda de honra. Um grupo de oficiais e homens envergando togas aguardava junto à popa da trirreme. Pouco depois, saiu da pequena cabina na ré um indivíduo com uma armadura prateada e um capacete ornado por uma extravagante crista, que conduziu os outros pelo convés, atravessou a passadeira e desceu para o cais. Ali chegado, deteve-se e inspecionou brevemente os pretorianos dispostos à sua frente, antes de se virar e dar uma ordem brusca a um dos seus subordinados. Oito homens com feixes de varetas junto ao corpo correram para a frente e formaram diante do governador.

— Lictores? — murmurou um dos oficiais do estado-maior de Corbulo. — Um bocadinho exagerado para uma cerimónia no cu do mundo imperial, não vos parece?

— De facto. — O general deixou escapar uma leve risada. — Seja como for, nesta pequena competição para ver quem mija mais loge, a vantagem é minha. Uma coorte de pretorianos vale mais do que um bando de lictores, hoje e sempre. Sobretudo aqui, nesta região no cu do mundo imperial, como bem referes, mas que está sob meu comando.

O queixo do oficial descaiu e ele fez menção de responder, mas pensou melhor e fechou a boca com força, enquanto corava de embaraço.

Seguiu-se uma longa pausa, enquanto Quadrato se manteve imóvel, à espera que o general se dignasse descer da plataforma para o ir acolher. Mas Corbulo não se mexeu, mantendo-se tão hirto como os pretorianos que ladream a praça. Por fim, o outro homem cedeu e indicou ao seu grupo para avançar.

Cato sorriu, enquanto contabilizava mentalmente o primeiro ponto para o general.

Quando o grupo do governador alcançou os degraus, Quadrato fez um gesto para ordenar aos outros que parassem e começou a subir sozinho. Cato reparou que as feições de Quadrato estavam mais bem marcadas do que da última vez que o vira. As responsabilidades e a tensão do posto que ocupava faziam-se sentir. Estava claramente pouco habituado a usar uma armadura, e quando por fim subiu ao cimo da plataforma e estendeu a mão, respirava pesadamente.

— Gneu Domício Corbulo, bem-vindo.

— É a mim que cabe dar-te as boas-vindas, Quadrato, já que fui eu que solicitei a tua presença. — Antes que o governador pudesse reagir à saudação agreste, Corbulo avançou, sorriu, apertou-lhe o antebraço e sacudiu-o, antes de prosseguir. — Calculo que tenhas recebido novas de Roma quanto ao propósito da minha presença aqui?

— Fui informado de que estavas a caminho, sim. E que te tinha sido dada a incumbência de devolver a Arménia ao controlo de Roma. Mas nada me foi dito sobre o alcance da tua autoridade nesta região.

— Não? Fico muito surpreso por isso. Mas pouco importa, tudo ficará claro assim que tivermos ocasião de discutir a situação no meu quartel-general. Ordenei que comida e bebida fossem postos à vossa disposição, tua e do teu séquito. Bem como acomodações adequadas, claro. Tribuno Cato! Manda os teus homens destroçar e acompanha o grupo do governador até ao quartel-general.

— Sim, senhor.

Corbulo acenou e depois virou-se de novo para o governador.

— Vem.

Sem mais palavras, indicou a estreita escada na parte de trás da plataforma, que dava para a rua principal da cidade. Esta estendia-se do cais ao fórum, onde se encontrava a opulenta moradia de um mercador, que servia como sede ao general, dominando os mercados instalados em torno do fórum. Os oficiais e escribas do estado-maior apressaram-se a segui-lo, enquanto Cato regressava à praça e levava a mão em concha à boca.

— Centurião Macro! Dê ordem de destroçar!

— Sim, senhor!

Macro virou-se e mandou os homens colocarem-se em sentido, antes de os mandar destroçar; num instante, as fileiras bem alinhadas dos homens desfizeram-se em pequenos grupos de indivíduos de lanças ao ombro, que atravessavam a praça sem qualquer ordem. Cato virou-se para quem acompanhava o governador. Por trás dos lictores estava um grupo de oficiais e outros homens de toga, para lá de um punhado de outros que envergavam vestes largas e esvoaçantes. Um deles sobressaía em altura entre os companheiros. De constituição poderosa, uma barba castanha e cabelo escuro, aguardava de braços cruzados, os pés afastados, enquanto observava com ar interessado os guardas que partiam.

— Sou o tribuno Quinto Licínio Cato, comandante da escolta do general.

Um dos homens de toga avançou e baixou ligeiramente a cabeça. Apenas para mostrar alguma educação, mas não o suficiente para dar qualquer indicação de que considerava Cato um igual, em termos sociais.

— Gaio Amato Pinto, questor.

— Se quiser seguir-me com os seus companheiros, senhor — indicou Cato, com toda a educação, e fez um gesto a indicar a rua que começava ao canto do templo. Pinto colocou-se ao seu lado quando começaram a andar.

— Espero que tenham feito uma boa viagem — disse Cato, para começar uma conversa, tentando não se deixar afetar pelo desdém que o questor lhe havia mostrado pouco antes.

— Tão agradável como pode ser uma viagem de mar. Não gosto de navios — adiantou Pinto, com ênfase. — O movimento do convés debaixo dos pés é muito perturbador para o estômago, para dizer o mínimo.

Cato sentiu a alma encher-se de compreensão para com o outro homem. Ele próprio sofria horrivelmente de enjoos, e passava a maior parte de qualquer viagem marítima debruçado sobre a amurada, à espera do acesso de náusea seguinte, e a vomitar com tanta violência que toda a sua esguia figura estremecia.

— Ainda se sente como se estivesse no mar?

Pinto hesitou, e depois anuiu.

— Dá-me a sensação de ter bebido bastante mais do que me assenta bem.

— Isso é possível?

Trocaram um olhar e partilharam uma breve risada, gratos pela oportunidade de se livrarem das questões formais de um primeiro encontro. Rodearam a esquina e avistaram o grupo de Corbulo, uns cinquenta passos adiante.

— Então o Corbulo foi enviado para domar os partos — comentou Pinto.
— O melhor general de todo o exército, ao que me disseram.

Cato cerrou os lábios. Havia outros comandantes de renome, mas nenhum com a longa experiência e a lista de sucessos que Corbulo ostentava.

— O que achas dele? — prosseguiu Pinto, em tom confidencial.

— Ainda é cedo para poder estar certo. Nunca tinha servido com ele antes. Mas projeta uma imagem de confiança. E enfrenta os assuntos sem rodeios.

— E por isso teve sucesso como militar, em vez de político.

— Isso agrada-me. Se vamos enfrentar a Pártia, prefiro ser liderado por um homem que sabe como enfrentar um inimigo com a espada na mão.

— Em vez de saber como manejar uma adaga e cravá-la nas costas de alguém, não é?

Cato olhou de relance para o lado e percebeu que Pinto sorria abertamente.

— Tribuno, crê-me, sei bem quais são as diferenças entre esses dois tipos de homens. E as credenciais militares de Corbulo são impecáveis. Podes estar sossegado. Tu e os teus homens estão em boas mãos.

— Agrada-me ouvi-lo... Atrevo-me a dizer que o seu governador não partilha todo esse respeito por Corbulo.

— E podes culpá-lo? Era o homem mais poderoso no Leste do Império. Tinha quatro legiões às suas ordens, para lá de várias unidades auxiliares. Estava a fazer uma fortuna na venda de contratos para a coleta de impostos. Até que o Corbulo surgiu em cena. O Quadrato não está habituado a ficar em segundo plano. Sobretudo quando sente que era ele a escolha óbvia para lidar com a Pártia. Conhece a região. Conhece os governantes locais, e acha que esta tarefa lhe devia caber. É muito fácil de compreender, na realidade.

Cato encolheu os ombros.

— O que é que eu posso dizer? Nero nomeou o Corbulo e mandou-o para leste. Não há mais nada a fazer, a não ser obedecer às ordens. E isso vale para todos nós.

— Presumo que foste escolhido para esta missão porque preferes ser um soldado a ser um político, como o teu general?

— Não me foi dada escolha. A minha coorte recebeu ordens para fazer escolta ao general. Além disso, não sou um patrício. Não me é permitido entrar nos jogos políticos.

— A sério?

Cato tinha perfeitamente consciência de estar a ser avaliado pelo outro homem, que aguardava por uma explicação, em vez de se ver forçado a colocar questões intrusivas quanto ao passado de Cato. Que o seu pai fora um escravo, e que ele mesmo passara boa parte da infância nessa condição, não era fonte de qualquer vergonha para Cato. Estava orgulhoso dos seus feitos. Tinha

ascendido às fileiras dos equestres, a segunda classe mais elevada entre os cidadãos romanos, e fizera-o apenas graças aos seus esforços. Poucos aristocratas podiam dizer o mesmo. Claro que, dadas as suas origens humildes, nunca poderia ser admitido no Senado. O pináculo da sua carreira, se sobrevivesse o tempo suficiente e tivesse os favores do Imperador, seria o posto de prefeito do Egito. Era esse o mais elevado posto a que um membro da classe equestre podia aspirar. Contudo, isso era tão pouco provável que Cato raramente se permitia imaginar essa possibilidade.

— Quinto Licínio Cato? Estou quase certo de ter ouvido falar do teu nome da última vez que estive em Roma, há uns anos.

A oportunidade de mencionar os seus feitos abria-se à sua frente, mas Cato recusou-se a permitir-se vangloriar-se. Em vez disso, optou pela pequena vitória de frustrar a curiosidade de Pinto; olhou sobre o ombro para o grupo que os seguia, e o seu olhar ficou mais uma vez preso no vulto alto que envergava roupagens típicas do Oriente.

— Quem é o grandalhão?

— Aquele? Ora, é a razão que nos trouxe todos aqui, e que leva a que Pártia e Roma estejam outra vez à bulha.

— Ah? — indagou Cato.

— O nome dele é Rhadamistus. Príncipe Rhadamistus. Herdeiro do trono da Ibéria, um território que faz fronteira com a Arménia. Só que ele andava um bocado impaciente para herdar. Por isso, o pai mandou-o para a Arménia à cabeça de um exército, para que ele arranjasse um reino que pudesse governar. O que poupou ao velho o trabalho de o despachar antes que fosse ele a desferir o primeiro golpe. E assim ele entra pela Arménia, suborna o comandante da guarnição romana para lhe entregar o rei que ocupava o trono, massacra a família toda e agarra o trono com as duas mãos. Para piorar as coisas, o governador romano da Bitínia, sua vizinha, reconheceu-o como soberano antes de receber instruções de Roma, e isso fez dele o nosso homem nesta bela salgalhada.

— Portanto, é um ponto fraco, não?

Pinto levantou uma mão e fê-la oscilar de um lado para o outro.

— Bom, é um tipo corajoso, e forte, e os seus soldados adoram-no. Infelizmente, o mesmo não se pode dizer da maior parte dos seus súbditos, que pediram alegremente aos partos que intervissem e corressem com ele. Para depois descobrirem que o substituto imposto pelos partos era quase tão mau como este. E agora temos de voltar a colocar o Rhadamistus no trono e garantir que ele fica por lá.

Cato pensou por momentos.

— Não há mais nenhum candidato?

— De momento, não. A coisa tem de ser resolvida entre o nosso rapaz e o dos partos, o Tiridates. — Pinto deu um estalo com a língua. — Não posso dizer que inveje os arménios.

— Tenho a certeza de que muitos estrangeiros olham para Roma com sentimentos similares, dados os predicados de alguns dos imperadores que temos tido... — Cato tossicou, e prosseguiu rapidamente: — Embora esteja seguro de que o Nero vai dar um bom imperador.

— Estou certo disso.

A curta distância à frente, a rua desembocava no fórum, onde a luz do fim de tarde se espalhava. Alguns dos mercadores já fechavam as bancas, mas a área principal ainda fervilhava de atividade, e o ar estava cheio dos gritos dos comerciantes, que se sobrepunha ao murmúrio das conversas e ao bater dos martelos de ferreiros. Mesmo em frente, erguia-se a fachada colunada da casa do mercador. Tinha sido construída numa escala ampla, e com tanta ostentação que até faria franzir o sobrolho ao mais exagerado dos abastados romanos. À entrada, estava de guarda um esquadrão de pretorianos, que se colocou em sentido perante a aproximação de Corbulo e Quadrato.

— Calculo que apreciaria algo para beber, depois desta viagem — comentou Cato.

— Podes ter a certeza. E seria agradável comer qualquer coisa, também. Sobretudo tendo a garantia de que vou conseguir aguentar a comida no estômago.

Pinto acelerou o passo, e Cato alargou a passada para se manter ao seu lado. Embora fosse agradável pensar num festim decente, a perspetiva do tenso encontro entre o seu comandante e o governador, que se seguiria à refeição, não o era. Com a Pártia a concentrar o seu poderio para se lançar sobre a fronteira romana, aquela não era a altura para os líderes romanos na região se porem a comparar tamanhos numa espécie de concurso pela glória e honra pessoais, refletiu Cato. Não quando tanto estava em jogo. Quando os impérios se enfrentavam, a vitória acabava sempre do lado que não estivesse minado por divisões internas e por ambições em competição.

Enquanto se aproximavam da entrada, o peito de Cato já sentia a frustração de ter de se preparar para a reunião nos opulentos aposentos do general.